

Metáfora e metonímia em processos de gramaticalização: o caso do “aí” marcador de especificidade

Maria Alice Tavares

Recebido 28, fev. 2009/ Aprovado 1, abr. 2009

Resumo

À luz do suporte teórico da linguística funcional, neste artigo apresento propostas relativas à extensão metafórica e à extensão metonímica de significados em processos de gramaticalização. Mostro evidências de que uma dessas propostas se aplica ao caso da gramaticalização do “aí” como marcador de especificidade em sintagmas nominais indefinidos: a proposta que defende que a extensão metafórica e a extensão metonímica podem ocorrer juntas em processos de gramaticalização. Como marcador de especificidade, “aí” é geralmente usado quando o falante quer mostrar que a identidade ou propriedades daquilo a que está sendo referido não são relevantes para o ouvinte. Além disso, “aí” pode revelar valoração negativa, qualificando o nome núcleo do sintagma nominal indefinido como sendo algo ruim ou de baixa qualidade. Baseada em propriedades semânticas e pragmáticas de diferentes usos do “aí”, proponho uma trajetória de gramaticalização provavelmente seguida por ele, que parte de significados dêiticos espaciais e chega ao uso como marcador de especificidade em sintagmas nominais indefinidos. Nessa trajetória, extensões metafóricas e metonímicas desempenham um importante papel.

Palavras-chave: Metáfora. Metonímia. Gramaticalização. “Aí” marcador de especificidade.

1. Introdução

Denomina-se gramaticalização o movimento de regularização gradual segundo o qual uma palavra ou construção adquire, no curso do tempo, *status* de elemento gramatical, ou pelo qual uma palavra ou construção, já pertencente ao elenco de elementos gramaticais de uma língua, migra para uma nova função gramatical. Subjacente à gramaticalização está a atuação de processos cognitivos que interagem com condições externas relativas às situações de troca linguística. Tais processos cognitivos são representados, nos estudos funcionalistas a respeito da gramaticalização, por mecanismos de mudança diversos, entre os quais vêm recebendo maior destaque a extensão metafórica e a extensão metonímica.

Neste texto, tenho por objetivos: (i) apresentar diferentes propostas encontradas na literatura funcionalista relativamente aos processos de extensão metafórica e de extensão metonímica em trajetórias de gramaticalização; (ii) defender a possibilidade de ocorrência conjunta de ambos os tipos de processos de extensão de significado, ilustrando essa possibilidade com o caso do “aí” marcador de especificidade em sintagmas nominais indefinidos.

Utilizo dados provenientes de fontes variadas, como o banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul) referente ao município de Florianópolis, o banco de dados do Grupo Discurso & Gramática (VOTRE; OLIVEIRA, 1995), tirinhas e conversas ouvidas em lugares públicos.

2. Metáfora e metonímia como processos de extensão de significado

De acordo com Heine, Claudi e Hünemeyer (19, p. 29), a extensão metafórica é um dos principais mecanismos que atuam no decorrer do processo de gramaticalização. Trata-se do uso de um determinado termo linguístico para um novo conceito através de um processo pelo qual dois conceitos diferentes são metaforicamente iguados e pelo qual o termo que é usado para um deles é estendido para se referir ao outro. Por meio da transferência metafórica, conceitos mais complexos são descritos ou entendidos por meio de conceitos concretos ou menos complexos. Assim, a experiência não física é compreendida em termos da experiência física, o tempo em termos de espaço, a causa em termos de tempo, as relações abstratas em termos de processos físicos ou relações espaciais.

Para os autores citados, é possível descrever o processo de desenvolvimento gramatical por meio de algumas categorias básicas, distribuídas, de acordo com um grau de abstração crescente, ao longo da trajetória *pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade*, que destaca a similaridade entre fontes e alvos.

Cada uma dessas categorias inclui uma variedade de conceitos definidos perceptual e/ou linguisticamente, representando domínios de conceptualização importantes para a experiência humana. A relação entre as categorias é metafórica, sendo possível a cada uma delas conceituar a categoria a sua direita. Um exemplo é o do desenvolvimento de *be going to* de sintagma direcional a futuro:

(1) *Henry is going to town.*

(2) *The rain is going to come.*

Heine, Claudi e Hünнемeyer (*op. cit.*, p. 46) afirmam que a transição da indicação de ação verbal em (1) para a indicação de tempo futuro em (2) é metafórica, pois envolve uma transferência de um domínio a outro: o verbo *go to*, denotando um movimento espacial, portanto, uma ação física concreta, é usado como um veículo metafórico para se referir ao domínio mais abstrato do tempo dêitico, uma noção gramatical.

Heine, Claudi e Hünнемeyer (*op. cit.*) apontam que, em processos de gramaticalização, também é destacado o papel da metonímia, mecanismo de mudança pelo qual ocorre uma associação conceitual entre entidades de algum modo contíguas, de forma que o item linguístico que é usado em referência a uma delas passa a ser usado também para a outra. A metonímia envolve a especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto, mesmo que na forma de inferência, isto é, representa uma transferência através da contiguidade. Já a metáfora envolve a especificação de um conceito, geralmente mais complexo, em termos de outro não presente no contexto, isto é, uma transferência através de uma similaridade de percepções de sentido.

Um mecanismo ligado à metonímia e que impele a mudança em direção a uma maior gramaticalização é o que Heine, Claudi e Hünнемeyer (*op. cit.*) chamam de inferência por pressão de informatividade ou convencionalização de implicaturas conversacionais, designando o processo em que, devido a pressões do contexto de uso, o item linguístico passa a assumir um novo significado, inferido da original.

Um traço importante do processo de comunicação é a habilidade de fazer inferências: o falante deve ser capaz de julgar que detalhes o ouvinte pode suprir por conta própria e formular seus enunciados de acordo, e o ouvinte precisa completar em sua interpretação os detalhes não fornecidos pelo falante, inferindo tanto quanto possível acerca do que este lhe diz. Quando o mesmo padrão de inferências ocorre frequentemente com uma construção gramatical particular, essas inferências podem ser habitualizadas, tornando-se parte do conjunto de significados tipicamente denotado pela construção. O significado inovador

tende a ser de natureza mais abstrata que aquele do qual foi pressionado a derivar.

O exemplo envolvendo a construção *be going to* fornecido acima pode ser recuperado aqui:

(3) *Henry is going to town.*

(4) *Are you going to the library?*

(5) *No, I am going to eat.*

(6) *I am going to do my very best to make you happy.*

(7) *The rain is going to come.*

As sentenças inseridas entre (3) e (7) sugerem, para Heine, Claudi e Hünнемeyer (*op. cit.*, p. 70), que, no processo de extensão de significado sofrido por *be going to* da indicação de ação verbal à indicação de futuro, há um *continuum* de nuances conceituais minimamente diferenciadas. Por exemplo, em (5), que é uma resposta a (4), o significado primeiro de *be going to* parece ser intenção, com um significado secundário de predição, mas ainda preservando traços do movimento espacial presente em (3) e (4). O significado de (6) parece similar ao de (5), mas não há mais um sentido espacial. Finalmente, em (7), deixa de haver intenção, sendo o único significado de *be going to* a predição. A existência, em uma trajetória de gramaticalização, de estruturas com significados minimamente aparentados é típica da ação da metonímia.

3. Formem a torcida: metáfora versus metonímia

Alguns estudos funcionalistas que abordam a gramaticalização do ponto de vista da extensão do significado afirmam que a transferência metafórica e a transferência metonímica atuam em diferentes momentos do processo de gramaticalização ou vinculam-se a fenômenos distintos, discordando daqueles que defendem que ambos os mecanismos estão simultaneamente presentes quando da gramaticalização. Nessa disputa, há ainda os partidários de um ou de outro dos mecanismos.

Para Heine, Claudi e Hünнемeyer (*op. cit.*, p. 70), o processo cognitivo que direciona itens linguísticos à gramática possui duas perspectivas: (i) uma discreta e psicológica por natureza, que sugere uma análise em termos de metáfora, como a fornecida para as ocorrências em (1) e (2); (ii) outra contínua e pragmática, altamente dependente do contexto e exibindo estrutura metonímica, como a fornecida para as ocorrências de (3) a (7).

Heine (1994, p. 259) também defende que metáfora e metonímia são compatíveis entre si, pois conceitos são manipulados como um resultado de implicaturas conversacionais e recebem interpretação mais gramatical em contextos específicos, o que se dá sob uma escala de entidades contíguas que, por um lado,

estão numa relação metonímica umas com as outras e, por outro, contêm um número menor de categorias mais salientes e descontínuas, como espaço, tempo ou qualidade. A relação entre essas categorias é metafórica, mas pode também ser descrita como o resultado de um número de extensões metonímicas. Dessa forma, como apontam Heine, Claudi e Hünнемeyer (1991b, p. 165), metáfora e metonímia coexistem como “parte e parcela” no processo de gramaticalização.

Segundo Hopper (1996), explicações acerca da relação entre uma forma lexical e sua contraparte gramaticalizada em termos de metáfora parecem valorizar um método etimológico que compara itens linguísticos removidos do contexto. Entretanto, a gramaticalização não deve ser vista paradigmaticamente como a substituição repentina de um significado presente no contexto por um ausente – isto é, metáfora -, mas sim sintagmaticamente: o que acontece é a extensão de um significado já implícito nos contextos de uso da forma – isto é, metonímia.

Já Moreno Cabrera (1998) toma o partido da metáfora, por considerar que o percurso do léxico para a gramática é altamente abstrato. Nas metáforas, dois ou mais objetos diferentes são vistos como idênticos, o que é possível porque descartamos os traços que os distinguem e focalizamos nos traços que partilham. Para o autor, esse processo de abstração a partir da similaridade é a operação básica que dá origem às formas gramaticais.

Contudo, Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 285) creem que os mecanismos de mudança em questão ocorrem em diferentes estágios da gramaticalização. A metáfora só é possível nos estágios iniciais, quando o conteúdo semântico é bastante específico, e a metonímia é responsável pelas mudanças entre significados que já são mais abstratos, o que ocorre nas etapas posteriores do processo, quando uma forma gramaticalizada continua a adquirir funções gramaticais. Ou seja, “quando o significado gramatical torna-se mais abstrato e mais eroso, torna-se menos sujeito à metáfora e mais sujeito às pressões contextuais que geram mudança por inferência”.

Outra opinião é a de Traugott e Köning (1991), para quem espécies distintas de inferência atuam, dependendo do tipo de função gramatical que está envolvida. O desenvolvimento de marcadores de tempo, aspecto etc, envolveria primariamente a inferência metafórica, pois conceitos mais complexos são apresentados por meio de conceitos concretos ou menos complexos. Em contraste, o tipo de inferência dominante no desenvolvimento de conectores seria a inferência por pressão de informatividade, com a convencionalização de implicaturas conversacionais.

Enfim, apesar de todas essas posições divergentes, há um ponto de concordância geral entre os autores citados: como resultado da atuação da extensão metafórica e da extensão metonímica, independentes ou conjugadas, é prevista uma trajetória

de abstração crescente de significados como característica do processo de gramaticalização.

4. O caso do “aí” marcador de especificidade em sintagmas nominais indefinidos

Os mecanismos de mudança metáfora e metonímia operam no uso cotidiano da língua, quando os falantes e os ouvintes, devido às assimetrias de suas experiências, negociam e adaptam funções e formas para levar adiante a troca comunicativa, o que permite que a língua escorregue e mude, alterando-se padrões discursivos e sua contraparte mental. Traço, na seção 4.4, a trajetória de mudança possivelmente percorrida pelo “aí” marcador de especificidade em sintagmas nominais (doravante SN) indefinidos, que pode ser analisada como envolvendo tanto extensão metafórica quanto extensão metonímica, nos moldes propostos por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b) e Heine (1994) (cf. seção 3). Entretanto, primeiramente descrevo, nas próximas três seções, propriedades de três significados distintos do “aí”.

4.1 Três significados do “aí”

Tome-se a ocorrência (8) a seguir. Trata-se de uma oração ambígua: podemos ter um “aí” dêitico locativo, que aponta para um ponto no espaço próximo ao ouvinte (denominado aqui *dêitico locativo 1*), ou um dêitico locativo que aponta para um funcionário dentre um conjunto de funcionários, sendo a leitura do sintagma nominal “um funcionário” acompanhado do “aí” correspondente a “um dos funcionários dentre os que estão aí” (denominado aqui *dêitico locativo 2*). Pode-se ter ainda um “aí” marcador de especificidade, que fornece ao SN indefinido um traço [+específico], isto é, o SN refere-se a um funcionário que, embora indefinido, é específico. Neste caso, o funcionário não está sendo apontado, podendo, inclusive, não estar presente no contexto.

(8) O João Pedro falou com *um funcionário* AÍ (dado ouvido por mim, em 23/01/2009).

4.1.2 Os dêiticos

Para Grenoble e Riley (1996), os dêiticos são palavras ou expressões usadas para apontar, no contexto extralinguístico, um indivíduo, objeto ou lugar, e introduzi-lo no discurso, relacionando o enunciado a suas coordenadas pessoais, espaciais e temporais. Trata-se de itens cujo uso e interpretação baseiam-se crucialmente no conhecimento do contexto particular em que são produzidos. Laury (1997) afirma que os dêiticos têm conexão real com o que significam, pois, como se fossem dedos, apontam para algo presente no contexto interacional no momento

mesmo da interação. Por essa razão, seu uso é frequentemente acompanhado por um gesto indicativo.

O “aí”, como dêitico locativo 1, relaciona uma informação a um local exterior à fala, isto é, aponta para um lugar do mundo real e, dessa forma, vincula o que é dito ao mundo externo. Mais especificamente, localiza pontos no espaço circundante como próximos ao ouvinte ou aponta para o espaço em que o ouvinte se encontra. Como dêitico locativo 2, o “aí” também vincula o que é dito ao mundo externo, mas não aponta para um lugar, e sim para um ser que está em um lugar no espaço circundante, ou seja, aponta, ao mesmo tempo, para um ser e para o espaço em que esse ser se encontra.

4.1.3 O marcador de especificidade

Segundo Payne (1997), as relações gramaticais constituem os principais meios de expressão do *status* pragmático de elementos nominais, codificando no discurso, entre outras, indicações a respeito do grau de identificabilidade/definitude e de referencialidade/especificidade dos nomes. No português, informações sobre a especificidade do referente de sintagmas nominais (SN) indefinidos podem ser vinculadas através de pronomes indefinidos adjetivos, como *certo*, *determinado* e *específico*. Sua função básica é adicionar ao SN indefinido que modificam um traço de especificidade. Ou seja, o SN portando um desses itens se refere a alguém ou a algo que é apresentado, no discurso, como indefinido, porém específico.

O “aí” também pode indicar especificidade em um SN indefinido. Por exemplo, em (9) e (10), os SN modificados pelo “aí” referem-se a umas coisas e a um repórter que são apresentados, pelos falantes, como indefinidos específicos, isto é, eles utilizam o “aí” como indício de sua intenção de não fornecer, no momento em que mencionam “umas coisas” e “um repórter”, maiores detalhes a respeito dos referentes desses SN. No entanto, esses falantes deixam entrever, através do emprego do “aí”, que sabem mais sobre tais referentes: no mínimo, sabem que se trata de umas coisas e de um indivíduo específicos, ou seja, de alguma forma conhecidos, em oposição a umas coisas e a um repórter dos quais não se conhece a identidade.

- (9) “Mônica... ai desculpa... desculpa... eu achei que era a minha ex-mulher... assim... eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...” e tal ((risos)) “pra pagar [umas coisas aí]... cara... ainda bem que você me disse da... da sua mãe... porque a mãe dela nem mora aqui... mora no Norte... nem ia/ como é que eu ia passar pra pegar uma fita de vídeo ainda... né?” (Informante 5, D&G/Rio de Janeiro).

- (10) (*sobre o Presidente da República aumentar o salário mínimo*)
 Ele falou, se ele disse, ele vai pagar. Se ele- né? porque às vezes- Mas tem [um repórter *aí*] que disse que ele não dá, que a- que a Bandeirantes diz que não. Deu vinte- (hes) vinte- não sei, vinte e cinco ou vinte e seis, parece. Eles dizem que foi (“dele”), mas ele não deve mentir, né? (FLP06/VARSUL).¹

Um SN indefinido que se faz acompanhar do “*aí*” recebe leitura específica e, em consequência, não admite leitura genérica, o que pode ser demonstrado através da comparação entre as seguintes orações: (a) *Um gato come carne* e (b) *Um gato AÍ come carne*. A oração (a) pode ter leitura genérica, isto é, *sendo x um gato, x (caracteristicamente) come carne* (caso em que a oração teria leitura similar a *Gatos (em geral) comem carne*). A oração (a) pode também ter leitura específica, isto é, *há um x, x é um gato, tal que x come carne* (por exemplo, em *Tenho dois gatos. Um gato come carne, o outro come ração*). A oração (b), por sua vez, permite apenas leitura específica, consequência do traço de especificidade atribuído pelo “*aí*” ao sintagma nominal do qual é parte integrante.

No que diz respeito ao uso do “*aí*” como marcador de especificidade, é importante salientar que ele não apenas marca a especificidade de um SN indefinido, mas põe em jogo determinadas implicaturas conversacionais (cf. GRICE, 1975; LEVINSON, 1983) a respeito do conhecimento que o falante detém sobre o referente do SN e de suas razões para não revelar mais sobre esse referente. Em especial, o “*aí*” tende a mobilizar, em seus contextos de uso, a implicatura de que o falante conhece a identidade ou ao menos alguma informação mais detalhada (embora não mencionada) sobre o referente do SN indefinido, costumeiramente acompanhada da implicatura de que essa identidade (ou informação) não vem ao caso para os fins da conversação corrente. Observe-se:

- (11) Eu vou assumir [um cargo *aí*] também. (funcionário da UFSC para colega, agosto de 2001)

Em (11), podemos ter a implicatura de que o falante conhece exatamente qual cargo irá assumir, mas por algum motivo referiu-se a ele através de um SN indefinido e não nominalmente. Contudo, o falante pode não saber exatamente qual é o cargo, sabendo apenas que se trata, por exemplo, de um cargo ligado ao setor administrativo, ou que será uma função mais difícil (ou mais fácil...) que a atual. Nesse caso, temos implicaturas referentes não ao conhecimento da identidade do referente do SN – de qual cargo se trata especificamente –, mas sim ao conhecimento de uma ou mais características desse referente.

Além das implicaturas a respeito da identidade do referente do SN indefinido, o “*aí*” pode despertar implicaturas direcionadas à valoração negativa, qualificando o referente do

¹ Os parênteses foram acrescentados ao exemplo para delimitar o SN indefinido. O código que segue o dado identifica sua fonte. Por exemplo, FLP = entrevista com informante de Florianópolis; 06 = entrevista de número 6.

nome por ele modificado como de baixa qualidade ou como sendo algo ou alguém dotado de qualidades negativas, leitura possível para, por exemplo, *Patrícia contratou um pedreiro AÍ para construir o muro*. Tal leitura depende, obviamente, de uma gama de informações contextuais para ser depreendida, tanto que o “aí” pode ser utilizado também em contextos que deixam claro tratar-se o referente do SN indefinido algo importante, como ilustra a ocorrência a seguir, extraída de uma tirinha publicada no jornal *Folha de São Paulo*, em 13 de julho de 2001:

- (12) A: Orelha, seu sumido! Faz tempo que não aparece!
B: Sei lá, tenho andando ocupado, fazendo [umas paradas importantes aí.]

Como o falante conhece mas não deseja fornecer maiores detalhes acerca daquilo a que se refere com “umas paradas importantes”, acrescenta a esse SN indefinido o “aí” marcador de especificidade, talvez querendo dizer que se trata de algo importante para ele, falante, mas que não diz respeito a seu interlocutor. Ou talvez utilize o “aí” marcador de especificidade para retardar a entrega de informações mais precisas sobre a natureza das “paradas”, um mecanismo retórico do qual um falante pode se valer para criar suspense e despertar a curiosidade do ouvinte. No quadrinho imediatamente subsequente da tirinha, aparece um esclarecimento a respeito da identidade das “paradas” a que o personagem Orelha se refere: ele tinha estado fazendo grafitagens artísticas em muros. Na tirinha que dá continuidade a esta, há uma série de desenhos (que se pode interpretar como sendo grafitados) e, acima destes, está escrito “Esboços de um lance que eu fiz para uma parada aí.”

Cumpra mencionar ainda que o “aí” marcador de especificidade faz parte do SN ao qual modifica, o que pode ser comprovado mediante a alteração da posição ocupada por esse SN na oração: *aí* sempre o acompanha, isto é, ele aparece adjungido à direita do nome indefinido que modifica (cf. TAVARES, 2001),² evidência de que é dependente dele sintaticamente. O “aí” marcador de especificidade pode ser considerado, dessa guisa, um clítico, isto é, um morfema gramatical que atua no nível sintagmático e está preso fonologicamente a outra palavra. No que diz respeito a este último quesito, o “aí” não aparece no discurso de maneira isolada (como resposta a uma indagação, por exemplo), mas sempre ligado a um nome. Além disso, o SN indefinido com o “aí” tem entonação descendente, tendo o “aí” acento mais fraco que o nome, o que é mais um indício de que pertence ao SN: integra a unidade entoacional do elemento nominal que acompanha.

Além de tomar parte em SN compostos por um nome nuclear acompanhado pelo artigo indicador de indefinitude *um(a)(s)*, como ocorre nos exemplos apresentados acima, “aí” marcador de

² O “aí” marcador de especificidade também pode ser cliticizado a um adjetivo qualificador do nome nuclear do SN. Por exemplo: *Eu gostaria de ganhar [um casaco azul aí]*. Consoante Payne (1997), de fato o hospedeiro de um clítico pode ser qualquer um dos constituintes do SN. O autor apresenta como exemplo o artigo *the* do inglês, que pode ser cliticizado a membros diversos do SN: *the dog* (cliticizado ao núcleo); *the big dog* (cliticizado ao modificador); *the two big dog* (cliticizado ao numeral).

especificidade pode integrar SN cujos determinantes são pronomes comumente empregados para sinalizar quantidade indefinida: *algum(a)(s), vários(as), diversos(as)* etc.³ Observem-se algumas possibilidades: *Eu falei com [alguns colegas aí] e eles me disseram que são contra a greve. [Vários alunos aí] não quiseram ter aula no sábado.* Os pronomes indefinidos quantificadores que podem coocorrer com o “aí” são aqueles que têm por escopo apenas um ou alguns elementos de um conjunto, em oposição aos que abrangem todos os elementos de um conjunto. Bechara (2004, p. 193) apresenta alguns exemplos de pronomes indefinidos que se referem a uma totalidade de elementos: *Todos os homens são bons. Cada livro deve estar no lugar próprio. Qualquer falta merece ser punida. Livro algum será retirado sem autorização. Nenhum erro foi cometido.*

4.2 Percurso de gramaticalização do “aí”: metáfora e metonímia

Entendo os diferentes empregos do “aí” como elos em uma cadeia, um dando origem ao outro. Como os usos do “aí” marcador de especificidade em SN indefinidos, nos dias de hoje, predominam na fala,⁴ é provável que dados históricos desse tipo sejam esparsos ou mesmo inexistentes porque, presumivelmente, esse uso sempre foi mais restrito à língua oral. Todavia, parto da hipótese de que, mesmo na ausência de evidência direta da fonte de um item gramatical, esta pode ser reconstruída a partir de dados sincrônicos. É possível utilizarem-se os usos múltiplos sincrônicos e a retenção de especificidades da fonte como diagnósticos da história do material gramatical, o que permite reconstruir os estágios de seu percurso de desenvolvimento (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994).

Este trabalho se enquadra, então, na linha dos estudos de gramaticalização, cuja concepção metodológica é a de que o desenvolvimento histórico e a posição sincrônica de um item em uma cadeia de gramaticalidade geralmente irão coincidir, existindo uma tendência de isomorfismo entre o desenvolvimento histórico e relações sincrônicas entre itens polissêmicos (TABOR; TRAUGOTT, 1998). Nas palavras de Givón (1979), “(...) os vestígios da mudança linguística estão dispersos, como relíquias de outrora, ao longo da paisagem sincrônica”. E de Sweetser (1990): “a polissemia sincrônica e a mudança histórica de significado realmente fornecem os mesmos dados” de diferentes maneiras.

Assim, discuto possíveis mudanças sofridas pelo “aí” no decorrer do trajeto que parte do uso como dêitico locativo e chega ao uso como marcador de especificidade em SN indefinidos considerando especialmente propriedades semânticas e pragmáticas dos empregos do “aí” tratados aqui (por exemplo, a presença de traços dêíticos, de traços de especificidade etc) e

³ Segundo Bechara (2004), o artigo indefinido *um(a)(s)* também é abarcado pela categoria dos pronomes indefinidos.

⁴ O “aí” marcador de especificidade em SN indefinidos aparece, nos dias de hoje, também na escrita, mas com baixa frequência. Na escrita, esse tipo de “aí” aparece em gêneros textuais que possibilitam a manifestação de um estilo mais informal, mais próximo da conversação cotidiana, caso das tirinhas e histórias em quadrinhos, em que ocorrem tentativas de imitação da fala, e da transcrição de entrevistas orais – gêneros nos quais a porta está aberta a traços de oralidade (cf. TAVARES, 2001).

as relações de abstração entre esses empregos, traçando uma trajetória do mais concreto ao mais abstrato.

Ao analisar a sentença (8) acima, aponte a possibilidade de ocorrência de ambiguidade entre os empregos do “aí” como dêitico locativo 1, dêitico locativo 2 e marcador de especificidade em SN indefinidos, o que é um indício da gramaticalização. Esse processo de mudança linguística é caracterizado pela gradualidade na passagem de um estágio a outro, resultando não raro em sobreposição de significados e, conseqüentemente, ambiguidade entre enunciados.

Entre as possibilidades de interpretação do “aí” na oração em (8), a dêitica locativa 1 é a mais concreta, uma vez que envolve um apontamento para um local externo à fala, próximo ao ouvinte (*nesse lugar*). No decorrer do percurso rumo ao uso como marcador de especificidade em SN indefinidos, o “aí” passa a apontar para as redondezas, dando origem a seu uso como dêitico 2. Assim, temos a leitura de *um funcionário aí* em (8) como um funcionário que está nas redondezas ou um funcionário dentre os que estão nas redondezas. Por fim, o “aí” adquire a propriedade de indicar que o elemento ao qual se relaciona - um nome indefinido - é específico. Esse “aí” é o mais abstrato dos usos aqui considerados, pois é o que mais se distancia do “mundo real”, não apontando para um lugar, mas especificando um nome.

O significado do “aí” como dêitico 2 possui características que permitem considerá-lo como oriundo de seu significado como dêitico 1 e constituindo a fonte de seu significado como marcador de especificidade em SN indefinidos. No uso como dêitico 2, o “aí” mantém a propriedade de apontar para um espaço externo ao discurso, presente no dêitico 1, mas passa a apontar também para um indivíduo, indicando ser este um ser que se encontra em lugar próximo ou um dentre outros que se encontram em um lugar próximo. Já que se trata de um indivíduo que está sendo apontado ao mesmo tempo em que é situado espacialmente, embora seja indefinido, é específico. Parece ser possível, então, que o uso do “aí” como dêitico 2 forneça o traço de especificidade como implicatura. Por sua vez, o uso do “aí” como marcador de especificidade em SN indefinidos possui o traço de indicação de especificidade como parte central do significado.

Por conseguinte, o processo de gramaticalização do “aí” parece ser metonímico, pois ocorre gradualmente, por meio de mudanças por contiguidade, a partir de significados presentes em fonte e alvo. O “aí” vai deixando de apontar para um lugar (“nesse lugar” pontual > um *x* que está nas redondezas/um *x* dentre os que estão nas redondezas > um *x* específico), ao mesmo tempo em que passa a relacionar-se cada vez mais ao indivíduo apontado até relacionar-se unicamente ao nome ao qual acrescenta o traço de especificidade.

O “aí” pode marcar a especificidade de um SN indefinido ou por partitividade, quando o SN está ligado a um conjunto explícito ou implícito, ou por individuação, quando o falante sabe a identidade do referente do SN.⁵ Ambas as possibilidades podem ser percebidas, como implicaturas, já no emprego do “aí” como dêitico locativo 2. Por exemplo, em (8), quando está em jogo a leitura de “um funcionário desses que estão aí”, em que um indivíduo de um determinado conjunto está sendo apontado (juntamente com o local e com o próprio conjunto), temos a especificidade por partitividade: o ser que está sendo apontado é um dentre outros que estão no mesmo local. Quando está em jogo a leitura de “um funcionário que está nas redondezas”, temos a especificidade por individuação: um indivíduo está sendo apontado (juntamente com o local em que se encontra). Posteriormente, o “aí” dêitico locativo 2 deixa de situar um ser indefinido em um lugar e passa a marcar um nome indefinido como específico, tornando-se um marcador de especificidade. Essa compatibilidade entre as propriedades do “aí” como dêitico locativo 2 e como marcador de especificidade possivelmente facilita e impulsiona fortemente a mudança.

Ressalvo, porém, a dificuldade em precisar o que é significado e o que é implicatura, tanto no uso do “aí” como dêitico locativo 2 quanto como marcador de especificidade de SN indefinidos, até mesmo porque a passagem de um uso a outro é gradual, assim também devendo ser as relações entre implicaturas e significados. Na verdade, é difícil distinguir, na interpretação de uma sentença envolvendo o dêitico locativo 2, o que acrescenta o nome e o que acrescenta o “aí”.

Por exemplo, em “Um menino (desses que estão) Aí me deu a bola para eu tomar conta.”, temos um lugar sendo apontado, um SN indefinido e, pela relação que se faz, entre esse lugar e o SN indefinido, temos a implicatura de que o SN é específico por fazer referência a um indivíduo que é situado espacialmente. A propriedade de ser indefinido é do nome, a de apontar para um lugar e para um menino é obtida pela junção do nome com o “aí”, mas a leitura de haver um menino indefinido específico situado em dado lugar é extraída da totalidade do sintagma “um menino aí” (e do próprio contexto, em que o ouvinte pode perceber o falante apontando para um lugar e para um menino).

Certos significados e implicaturas presentes no contexto vão sendo postos em relevância a despeito de outros e vão se tornando centrais, inclusive substituindo significados outrora mais destacados, como o apontamento para um lugar, substituído pouco a pouco pela indicação de especificidade. Assim, de uma implicatura de especificidade presente nos contextos em que é usado o dêitico locativo 2 surge um significado de especificidade: o “aí” passa a marcar a especificidade de um SN indefinido.

⁵ O contexto discursivo pode servir de pista para precisarmos quais das leituras - individuação ou não individuação - estão presentes. Em contextos como Eu queria alugar uma casa Aí, mas não encontrei nenhuma para alugar, temos uma leitura não individualizadora (isto é, o falante queria alugar uma casa do conjunto de casa que possuem janelas amarelas ou das que possuem três quartos, enfim uma casa dentre outras de um determinado conjunto não tornado explícito). Se o falante estivesse se referindo a um indivíduo de identidade conhecida, individualizada, não poderia usar a frase acima, mas uma frase como a seguinte: Eu queria alugar uma casa Aí, mas ela não está para alugar.

No entanto, ao lado das alterações sofridas pelo “aí”, ocorre a preservação de significados originais. Por exemplo, a propriedade de indicar especificidade parece estar presente nos três empregos do “aí” sob enfoque. Ocorre um deslocamento do apontamento para um lugar específico, pontual, o que é feito pelo dêitico locativo 1, para o apontamento para um indivíduo indefinido, porém específico por estar situado num lugar, o que é feito pelo dêitico 2, e, por fim, um deslocamento para a indicação de especificidade de um indivíduo, propriedade definidora do marcador de especificidade.

A metáfora também atua no percurso de mudança sob estudo, envolvendo a projeção de um domínio mais concreto sobre um menos concreto. A passagem do dêitico locativo 1 ao dêitico locativo 2 parece, a princípio, não envolver mudança dessa natureza, uma vez que o domínio da fonte e do alvo é o mesmo: o apontamento dêitico, embora haja, no caso do dêitico locativo 2, a ampliação do espaço apontado e a introdução do apontamento para um indivíduo. Pode-se pensar, porém, em uma passagem metafórica envolvendo o SN indefinido que, de independente do locativo quando este é dêitico 1, passa a relacionar-se mais fortemente a ele no uso como dêitico 2. Tratar-se-ia de um caso de localização/espacialização da pessoa ou do objeto, nos moldes propostos por Giannini (1998) para o uso vinculado de pronomes pessoais e dêiticos locativos em certos dialetos italianos. As informações sobre *quem* ou *o quê* seriam associadas a informações sobre *onde* em uma mesma construção dêitica, seguindo a trajetória metafórica proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a): ‘pessoa/objeto > espaço’, com a união de duas categorias em uma só unidade linguística.

De qualquer forma, a extensão de significado do “aí” para a marcação de especificidade de um SN indefinido envolve a mudança de domínio ‘espaço > qualidade’, isto é, há uma passagem da indicação espacial dêitica à marcação de especificidade, que podemos considerar uma função de qualificação. A indicação espacial dêitica é mais concreta, mais próxima da experiência humana do que a marcação de especificidade, considerando-se a escala de derivação de itens lexicais a itens gramaticais proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (*op. cit.*), em que a qualidade é a última etapa do processo, portanto, a mais abstrata (cf. seção 3).

Outro indício da atuação da metáfora no processo em estudo é o fato de o *aí*, como dêitico 2, apontar não somente para o espaço, mas também para um indivíduo, e como marcador de especificidade em SN indefinidos, especificar um nome. Essa parece ser uma passagem de uma “qualificação” externa ao discurso, localizando um indivíduo no espaço circundante, para uma qualificação interna ao discurso. Como dêitico 2, o *aí* relaciona-se a um ser que está no mundo, apontando-o, e, como marcador de especificidade, relaciona-se a um nome, a um item

do discurso, fornecendo-lhe o traço [+específico]. Ocorre, portanto, uma mudança do domínio *de re* (mundo real) para o domínio *de dicto* (mundo do texto), um importante percurso de mudança metafórica, segundo Heine, Claudi e Hünemeyer (*op. cit.*, p. 179): “Uma das principais metáforas que atua no desenvolvimento de categorias gramaticais refere-se à transferência do mundo da experiência sensorio-motora dos objetos visíveis e tangíveis, de relações espaço-temporais para o mundo do discurso.”

As implicaturas possíveis de estarem envolvidas no uso do *aí* como marcador de especificidade são percebidas, talvez de modo menos claro, já no uso do *aí* como dêitico 2, embora não em seu uso como dêitico 1. No caso do dêitico locativo 2, o falante, ao apontar para um ser indefinido e para o espaço em que este se encontra, não fornece muitos esclarecimentos a respeito de tal ser. Consequentemente, podem já estar em jogo implicaturas como as de que é pouco importante ou mesmo de que não interessa para o ouvinte saber mais sobre o referente do SN indefinido. Acredito, então, que implicaturas ligadas ao contexto de uso de um item podem ser mantidas quando esse item passa a ser utilizado em outra função.

Em contraste, a implicatura de ser o referente do SN indefinido algo ruim, de pouca qualidade ou incompetente parece ocorrer apenas com o uso do “*aí*” como marcador de especificidade, como uma implicatura que se acrescentou a esse uso. Creio que, tendo sido o “*aí*” marcador de especificidade tão usado em contextos que disparavam tal implicatura, ela possa já estar se convencionalizando, isto é, começando a fazer parte do que o “*aí*” traz ao SN indefinido em termos de significado, além do traço de especificidade em si. Teríamos então casos de emprego do “*aí*” marcador de especificidade em que essa implicatura não é manifestada tão fortemente ou mesmo não está presente, ao lado de casos em que o “*aí*” marcador de especificidade pode ser entendido como já significando “qualquer”, ruim, incompetente.

5. Considerações finais

Neste texto, procurei mostrar, com base em evidências sincrônicas de natureza semântica e pragmática, como os processos de extensão metafórica e de extensão metonímica podem estar envolvidos no processo de gramaticalização do “*aí*” como marcador de especificidade. Talvez haja casos de gramaticalização em que apenas a metáfora ou apenas a metonímia estejam envolvidas, mas, no caso sob enfoque, como ambos os processos de extensão de significados parecem estar implicados, acredito que este estudo tenha fornecido mais um exemplo que serve como suporte para a proposta de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b, p. 165), segundo a qual, metáfora e metonímia coexistem como “parte e parcela” no processo de gramaticalização.

Finalizo, deixando algumas sugestões de continuidade para este trabalho. Há bastante ainda a ser investigado a respeito do *aí* marcador de especificidade e de seu percurso de mudança por gramaticalização. Uma questão a ser aprofundada refere-se aos rótulos categoriais. O papel de dêiticos e de marcadores de especificidade não é pacífico. Se considerarmos dêiticos locativos como advérbios (por indicarem espaço) e marcadores de especificidade como qualificadores (por qualificarem um nome, adicionando a ele o traço [+específico]), estamos lidando com duas categorias intermediárias entre o léxico e a gramática (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993).⁶ Se ambas são categorias medianas, teria havido gramaticalização, isto é, uma passagem de um nível menos gramatical para um mais gramatical? Acredito que o uso do *aí* como dêitico é menos gramatical que seu uso como marcador de especificidade, pois, nesse último uso, “aí” tem posição fixa e não permite material interveniente entre si e o nome a que atribui o traço de especificidade, o que é evidência de que é mais dependente sintaticamente, relacionando-se fortemente a esse nome. Creio, então, que o processo de mudança em jogo aqui é mesmo a gramaticalização.

Seria interessante também averiguar a possibilidade de emprego de outros itens de origem dêitica como marcadores de especificidade, caso do *lá* e do *ali* em “Um cara lá/ali me disse que tu não vinhas.” Estariam esse *lá* e esse *ali* apontando para um lugar (com valor de “naquele lugar”), situando o referente do SN indefinido em um lugar (algo como “um cara que está lá/ali ou estava lá/ali”) ou atuando como marcadores de especificidade em SN indefinidos? Se o *lá* e o *ali* também podem ser empregados como marcadores de especificidade em SN indefinidos, quais as semelhanças e diferenças entre eles e o uso do *aí* como marcador de especificidade? Estaria uma dessas formas mais gramaticalizada no papel de marcador de especificidade em SN indefinidos que as demais?

⁶ Hopper e Traugott (1993, p. 104) dividem as palavras em três categorias: “Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção]”.

Abstract

From the theoretical framework provided by functional linguistics, in this article I present some proposals regarding metaphorical and metonymic extensions of meanings in grammaticalization processes. I claim that one of these proposals applies to the case of the grammaticalization of "aí" as a marker of specificity in indefinite nominal phrases: the proposal which supports that metaphorical extension and metonymic extension can occur together in grammaticalization processes. As a marker of specificity, "aí" is generally used when the speaker wants to show that the identity or properties of what is being referred to are not relevant to the hearer. Besides, "aí" can show negative appreciation, qualifying the core noun of the indefinite nominal phrase as being something wrong or with low quality. Based on semantic and pragmatic properties of different usages of "aí", I propose a grammaticalization trajectory, probably followed by it, from spatial deictic meanings to the use as a marker of specificity in indefinite nominal phrases. Metaphorical and metonymical extensions play an important role in this trajectory.

Keywords: *Metaphor. Metonymy. Grammaticalization. "Aí" marker of specificity.*

Referências

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- GIANNINI, S. Discourse and pragmatic conditions of grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. (Eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p. 129-145.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GRENOBLE, L.; RILEY, M. The role of deictics in discourse coherence: French *voici/voilà* and Russian *vot/von*. *Journal of Pragmatics*, v. 25, p. 819-838, 1996.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Eds.) *Syntax and semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

HEINE, B. Grammaticalization as an explanatory parameter. In: PAGLIUCA, W. (Ed.) *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 255-287.

HEINE, B.; CLAUDI, U; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991a.

——— From cognition to grammar: evidence from African languages. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991b. p. 149-188.

HOPPER, P. Some recent trends in grammaticalization. *Annual Review of Anthropology*, v. 24, p. 217-236, 1996.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAURY, R. *Demonstratives in interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

LEVINSON, S. C. Conversational implicature. In: *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 97-166.

MORENO CABRERA, J. C. On the relationships between grammaticalization and lexicalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. (Eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p. 211-228.

PAYNE, T. *Describing morphosyntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects on semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TABOR, W.; TRAUGOTT, E. Structural scope expansion and grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. (Eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p. 229-288.

TAVARES, M. A. Um especificador aí. *D.E.L.T.A.*, v. 2, n. 17, p. 209-235, 2001.

TRAUGOTT, E.; KÖNING, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. (Coords.) *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Impresso, 1995.